



Coordenadoria
do Curso de Letras



Universidade Federal
de São João del-Rei

PAULO HENRIQUE RIBEIRO RATTI

**CENAS LAMPIÔNICAS: FRAGMENTOS DA HOMOSSEXUALIDADE NA
DITADURA HETERO-MILITAR DE 1964 EM *LAMPIÃO DA ESQUINA***

SÃO JOÃO DEL-REI

2023

PAULO HENRIQUE RIBEIRO RATTI

**CENAS LAMPIÔNICAS: FRAGMENTOS DA HOMOSSEXUALIDADE NA
DITADURA HETERO-MILITAR DE 1964 EM *LAMPIÃO DA ESQUINA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenadoria do Curso de Graduação em Letras, da
Universidade Federal de São João del-Rei, como
requisito parcial à obtenção do título de Licenciado
em Letras.

Ênfase: Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana da Conceição
Tolentino.

SÃO JOÃO DEL-REI

2023

O começo é agora, agora é que estou começando tudo.

Lennie Dale (1978)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de São João del-Rei, pela excepcional oportunidade.

À minha avó e à minha mãe, por priorizarem minha formação acadêmica e apoiarem meus sonhos.

Aos amigos, pela alegria e companheirismo nesta travessia.

À Eliana da Conceição Tolentino, pela generosidade, confiança e afeto imensos.

À Andréa Portolomeos, pela gentileza em aceitar o convite para a banca examinadora e compartilhar uma leitura respeitosa do presente trabalho de conclusão de curso.

RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é explicitar um modo de “ler” e “ver”, na escrita de si das cartas de leitores do jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981), fragmentos da homossexualidade na ditadura hetero-militar de 1964. Para isso, buscou-se compreender as condições sócio-históricas nas quais essas cartas foram escritas; os seus principais objetivos; quem as escreve/lê; e os assuntos/temas que elas envolvem. Propôs-se também uma discussão a respeito do gênero correspondência na perspectiva específica das cartas de leitores publicadas no *Lampião*; e de como esses indivíduos que aparecem nas missivas criam uma comunidade e um sentido de pertencimento. Como aporte teórico, utilizou-se, entre outros, os textos de Foucault (2002); Gomes (2004); Assunção (2007); Moraes (2009); Quinalha (2022); Souto Maior e Pedro (2021); Trevisan (2021) e Green (2000).

Palavras-chave: *Lampião da Esquina*; Cartas de Leitores; Escrita de si.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 O ACENDER E O APAGAR DO <i>LAMPIÃO</i>.....	9
3 “QUERIDOS LAMPIÔNICOS”: O GÊNERO CORRESPONDÊNCIA NA PERSPECTIVA ESPECÍFICA DE CARTAS DE LEITORES PUBLICADAS EM <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i>	13
4 NA MESA, AS CARTAS DE LEITORES DO <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i>.....	16
4.1 Tempos de <i>Lampião</i>.....	19
4.2 Cenas lampiônicas: o cotidiano, o corpo e os “sentimentos da alma”	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28
ANEXO 1 – PINTOU O BODE.....	34
ANEXO 2 – LONGE DE CURITIBA.....	35
ANEXO 3 – CURITIBA, ALONE.....	36
ANEXO 4 – MADE IN CAMPINAS.....	37
ANEXO 5 – MISS CAMPINAS.....	38
ANEXO 6 – CADÊ A TURMA?.....	39
ANEXO 7 – OLHA O ROMANCE.....	40
ANEXO 8 – O DRAMA DO CACÁ.....	42
ANEXO 9 – CACÁ SUMIU.....	44
ANEXO 10 – FORTÍSSIMO BABADO.....	45
ANEXO 11 – RECEITA DE AMOR.....	46
ANEXO 12 – OS PASSIONÁRIOS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Numa esquina são-joanense conheci *Lampião*, especificamente, numa casa chamada de “As Internacionais”, nome escolhido por suas moradoras, duas bichas, uma bailarina e uma historiadora, em homenagem ao Dzi Croquettes, o lendário grupo artístico que revolucionou palcos e vidas do Brasil e do mundo, com um bailado inigualável (assinado por Lennie Dale) e muita purpurina. No final de uma apresentação na televisão alemã, em 1976, a família Dzi canta em uníssono: “Dzi Croquettes... Dzi, Dzi... Dzi Croquettes... Dzi Croquettes... As internacionais...”. A performance televisionada se encontra disponível como extra do DVD oficial do filme *Dzi Croquettes* (2009), dirigido por Tatiana Issa e Raphael Alvarez, que vi pela primeira vez numa das sessões de cinema feitas por elas, à época, nas quais me contavam sobre os frenéticos dancing gays dos anos 70, instigando-me à pesquisa. Cheguei ao número dois do jornal *Lampião da Esquina*, cuja capa traz uma fotografia de Lennie Dale, à mesa, no apartamento de João Antônio Mascarenhas, onde concedeu uma entrevista ao jornalista Antônio Chrysóstomo, com uma chamada em destaque, uma espécie de armadilha para *voyeurs*: “E muitas cartas quentíssimas”. Assim, a título de uma primeira investida, deu-se início às minhas visitas à seção *Cartas na Mesa*. Elas foram regulares, inicialmente, depois cessaram.

Discutíamos a respeito de arquivos e acervos, na disciplina *Literatura e Correspondência*, quando a docente responsável indagou se alguém da turma já havia visitado um acervo. Lembrei-me que conhecia apenas um, o acervo digital do *Lampião*, concebido pelo Grupo Dignidade¹, sob gestão do Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual (IBDSEX), disponível em uma plataforma online. Revisitando-o, à luz das leituras, teóricas e literárias, feitas para a unidade curricular supracitada, cresceu em mim o desejo de escrever sobre as missivas lampiônicas: apesar de estudarmos a correspondência de personalidades públicas, chamavam-me as cartas trocadas entre cidadãos comuns, a vida ordinária.

A nossa hipótese é “ler” e “ver”, na escrita de si das cartas de leitores do *Lampião da Esquina*, fragmentos da homossexualidade na “ditadura hetero-militar de 1964”², especificamente, durante o período nomeado de “Ciclo da afirmação homossexual e combate à ditadura” pelo pesquisador Renan Quinalha (2022). Para tal, buscamos suporte teórico em

¹ Fundado em 1992, em Curitiba, o Grupo Dignidade é reconhecido como o primeiro grupo organizado no estado do Paraná a atuar na área da promoção da cidadania das pessoas LGBTI+.

² Expressão de Renan Quinalha (2021).

“A escrita de si”, de Michel Foucault (2002) e em “Escrita de si, Escrita da História: a título de prólogo”, de Angela de Castro Gomes (2004), principalmente.

Um modo de “ler” e “ver” é rastreando respostas para as seguintes questões: Em que condições sócio-históricas as cartas de leitores do *Lampião da Esquina* eram escritas? Qual ou quais o(s) seu(s) objetivo(s)? Quem é o leitor que escreve/lê essas cartas? Que assuntos/temas elas envolvem? Esses questionamentos norteiam, respectivamente, as duas subseções que compõem “Na Mesa, as Cartas de Leitores do *Lampião da Esquina*”: “Tempos de *Lampião*” procura circunscrever e compreender a homossexualidade no Brasil, no período de 1978 a 1981, baseando-nos em obras como *Movimento LGBTI+*: Uma breve história do século XIX aos nossos dias, de Renan Quinalha; *Páginas de transgressão*: a imprensa gay no Brasil, organizado por Paulo Souto Maior e Fábio Ronaldo da Silva; entre outras, para seguidamente “ler” e “ver” nas “Cenas lampiônicas: o cotidiano, o corpo e os ‘sentimentos da alma’” dos leitores-missivistas.

Entretanto, antes de uma análise das correspondências de *Cartas na Mesa*, faz-se necessário apresentar a você, caro leitor, o nosso querido *Lampa*. Assim, em “O acender e o apagar do *Lampião*”, oferecemos um recorte da história do *Lampião da Esquina*, “um dos representantes do movimento homossexual brasileiro” (Trevisan, 2021, p. 214), objetivando contextualizar o nascimento do jornal, a sua existência transgressora, o lugar de destaque que ele ocupou nas vanguardas da imprensa gay no Brasil e as razões que levaram ao fim do periódico.

A fim de explicitar a natureza híbrida e a especificidade das missivas do *Lampião*, em “Queridos lampiônicos”, propomos uma discussão do gênero correspondência na perspectiva específica de cartas de leitores publicadas na seção *Cartas na Mesa*, a partir de textos como “A correspondência”, de André Comte-Sponville (1997); “A quem pertence uma carta?”, de Philippe Lejeune (2008); “Cartas de Leitores: Reescrita e condições de produção de um gênero midiático”, de Antônio Luiz Assunção (2007), entre outros.

No mais, convém sublinhar dois pontos: primeiro, selecionamos para nossa análise, por meio de um recorte temático, as cartas enviadas pelos leitores nas quais há uma encenação do “eu”, isto é, uma escrita de si, uma narrativa de si; segundo, apesar do *Lampião* ser de fácil acesso, optamos por reproduzir excertos do jornal, sobretudo das cartas e dos anúncios dos missivistas lampiônicos, por se tratar de uma pesquisa em fontes primárias, mas não se procederá à atualização ortográfica. Avante, toca-se o terceiro sinal.

2 O ACENDER E O APAGAR DO LAMPIÃO

No outono de 1978, um grupo fervoroso e bem-humorado de artistas e intelectuais se reuniu na Livraria Cultura, na Avenida Paulista, para o coquetel de lançamento de um jornal “especializado”. Nas fotografias feitas por Juca Martins, para a matéria do repórter Milton Hatoum da revista *IstoÉ*, responsável pela cobertura jornalística do evento, visualizamos leitores atentos e atônitos diante do infante tabloide, a compartilhar suas impressões; e o *Journal's Bouquet*, formado pelos membros do Conselho Editorial e colaboradores, a posar entre sorrisos e abraços, a fazer história. Da Cultura seguiram para um jantar no restaurante Circus e depois para as apresentações na Gay Club, onde a musa da cena underground paulistana, Claudia Wonder, distribuía exemplares do jornal aos presentes: “— Chi, acho que sou o primeiro jornaleiro travesti da história!”.³ Também foram distribuídos muitos exemplares do jornal em outras casas noturnas, entre elas, Dinossauros, Homo Sapiens, Men’s Country, Sombrassom, e em todos os bares do Largo do Arouche

Os eventos que inspiraram a criação do *Lampião da Esquina*, “primeiro jornal cultural gay brasileiro” (Leyland, 1978, p. 6, tradução nossa), aconteceram na “Semana da Pátria”, sete meses antes, a partir da chegada ao Rio de Janeiro, em setembro de 1977, de Winston Leyland, fundador do pioneiro *Gay Sunshine Journal* – jornal literário declaradamente gay, da cidade de São Francisco, Califórnia. Posicionado na vanguarda da publicação das vivências homossexuais, o *Gay Sunshine* ficou em atividade por 12 anos, de 1970 a 1982. O objetivo principal da viagem de Leyland, que vinha do México, era selecionar material de escritores e artistas plásticos homossexuais brasileiros para uma antologia de contos, especialmente, fragmentos de romances e poemas, de autores latino-americanos, a ser publicada no ano seguinte sob a chancela da *Gay Sunshine Press*, na qual era editor-chefe, com subsídio do Fundo Nacional Para as Artes, uma agência independente do governo federal dos Estados Unidos da América (Leyland, 1978, tradução nossa).

Na Cidade Maravilhosa, o autor de *Now the volcano: an anthology of Latin American gay literature*⁴, hospedou-se na casa do advogado e jornalista João Antônio Mascarenhas. Durante sua temporada no Brasil, o periodista estadunidense concedeu entrevistas e foi mencionado em diversas revistas e jornais, como *Veja*, *IstoÉ*, *O Globo*, *O Pasquim* etc.

³ *Lampião da Esquina*. Ano 1, n. 1, mai./jun. 1978, p. 9.

⁴ Caio Fernando Abreu, João Silvério Trevisan, Darcy Penteadó, Aguinaldo Silva, Adolfo Caminha, Edilberto Coutinho, Valery Pereleshin, Cassiano Nunes e Franklin Jorge foram os autores brasileiros publicados neste volume.

Leyland (1978) conta-nos que naquela ocasião foram realizados, no Rio de Janeiro e em São Paulo, dois encontros especiais de escritores e intelectuais gays para recebê-lo e trocar informações. Como um resultado positivo desses eventos o ativista destaca a criação do *Lampião da Esquina*.

Até 1976, o viés apresentado pelos periódicos “consagrados”, ao tratarem dos assuntos relativos às homossexualidades, “promovia, majoritariamente, uma espetacularização debochada e humilhante, mostrando a pessoa gay como uma espécie de ‘animal exótico’ a ser fetichizado” (Trevisan, 2021, p. 230). Por exemplo, o jornal *Notícias Populares*, publicado pelo Grupo Folha de 1963 a 2001, trazia manchetes homofóbicas e sensacionalistas sobre o assunto, com uma visão depreciativa e caluniosa a respeito dos homossexuais, relacionada a crimes e violência, principalmente. Desse modo, o surgimento da *Coluna do Meio*, do jornal *Última Hora* de São Paulo, seção homossexual assinada por Celso Curi, de fevereiro de 1976 a novembro de 1977, representou um desafogo, afirma João Silvério Trevisan (cf. *Lampião da Esquina*, 2016, 1 min.). Um breve desafogo, até a coluna ser finalizada e Curi demitido do *Última Hora*, em razão de uma denúncia apresentada contra o colunista pelo Ministério Público do Estado de São Paulo, por ofensas à moral e aos bons costumes.

Nesses tempos de censura e repressão à grande imprensa, uma das saídas possíveis era lançar jornais alternativos, também chamados de “nanicos”, cujo espaço possibilitou, relativamente, uma maior liberdade para se opinar. É nesse contexto de abertura do regime militar, durante o governo de Ernesto Geisel (1974-1979), e ascensão da imprensa alternativa, que João Antônio Mascarenhas, após os encontros com Winston Leyland e “figuras importantes da cena cultural carioca e paulista, além de intelectuais de prestígio, ainda que jovens” (Quinalha, 2021, p. 3), teve a ideia de criar um jornal específico para o público homossexual brasileiro, inclinado aos setores minorizados. Não demorou muito para o grupo de homossexuais assumidos, convidado por Mascarenhas e articulado em torno de sua figura, composto pelos jornalistas Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt e Gasparino Damata; o artista plástico Darcy Penteado; o crítico de cinema Jean-Claude Bernardet; o escritor João Silvério Trevisan e o antropólogo Peter Fry (Quinalha, 2021), iluminar o Brasil com o *Lampião da Esquina*.

Impresso em cores neutras e em tamanho tablóide, o *Lampião* circulou mensalmente, de abril de 1978 a junho de 1981, perfazendo um total de 38 edições inéditas e três edições extras. O jornal “tinha uma média de 16 laudas por edição; as capas eram bem coloridas, com letras grandes com o intuito de provocar um interesse súbito no público” e “havia sempre um editorial assinado pelo Conselho Editorial ou por algum membro do Conselho” (Trevisan,

2021, p 227). Em seus três anos e poucos, com um número expressivo de autores e de colaboradores estrangeiros, *Lampa* serviu ao público leitor uma variedade de ensaios, reportagens, entrevistas, itinerários especializados, as novíssimas tendências da época, literatura e cultura gays, e claro, muitas cartas, de amor, solidão, resiliência. Além disso, eram constantes “pequenas notas contra os atos preconceituosos da sociedade” e “ataques diretos a homófobos ou a quem agisse de modo politicamente incorreto em relação aos homossexuais” (Simões Júnior, 2006, p. 38). Com uma tiragem de milhares de exemplares, o jornal conseguiu ter uma expressiva cobertura nacional, seus leitores estavam espalhados pelos pontos mais distintos do país, de Boa Vista, Macapá, Rio Branco a Pelotas. Em capitais como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Vitória, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, Brasília, Salvador, Recife e Manaus, por exemplo, o *Lampa* podia ser comprado em bancas ou em livrarias; já em outras cidades, este podia ser adquirido através de uma assinatura.

No que diz respeito à “imprensa guei”, é imprescindível sublinhar a consciência e o reconhecimento do *Lampião* em relação àqueles que vieram antes e abriram os caminhos neste tipo de publicação. Tomemos como exemplo a longa entrevista realizada, com Agildo Guimarães e Anuar Farah, pela escritora Leila Mícolis, colaboradora do jornal. Publicada na edição número 28, de setembro de 1980, a entrevista nos apresenta, além de uma conversa deliciosa, uma espécie de catalogação dos jornais gays que precederam o *Lampa*, num gesto de valorização ao trabalho daqueles “que marcaram uma época, talvez ainda mais difícil do que a atual e sobre isso têm muito o que contar”⁵.

À Mícolis, Agildo Guimarães aponta como origem dos “nanicos gays” a criação de *O SNOB*, em 1961, de Gilka Dantas (pseudônimo de Agildo Guimarães). O jornal teve 27 publicações e foi um importante incentivador para o surgimento de outras publicações gays. A lista é extensa, a maioria destas publicações eram mimeografadas, a saber, no Rio de Janeiro: *Le Femme*, de Bianca Marie, pseudônimo de Anuar Farah; *SUBÚRBIO À NOITE*, de Frank Casparelly; *GENTE GAY*, de Agildo Guimarães; *ALIANÇA DE ATIVISTAS HOMOSSEXUAIS* e *EROS*, de Frederico Jorge Dantas; *La Saison*, de Jéssica Shelley; *O Centauro*, de Anita Chambarelly; *O VIC*, de Katherine Wood; *O GRUPO*, de Georgette de La Cruz; *DARLING*, de Georgette de La Cruz e Agildo Guimarães; *GAY PRESS MAGAZIN*, de Claude Auger; *20 de abril* e *O Centro*, de Bette Taylor.

Ainda no estado fluminense havia, em Niterói, *O Estábulo*, de Dalia Lavi, “o primeiro jornal a publicar Pelé, nu, tomando banho de chuveiro”; *OS FELINOS* (conhecido como a

⁵ *Lampião da Esquina*. Ano 3, n. 28, set. 1980, p. 6.

“Janete Clair” da época, em razão das suas famosas histórias publicadas em capítulos), de Gato Preto; *OPINIÃO*, de Gigi Berger e *O MITO*, de Antonio Kalas; por fim, em Campos dos Goytacazes, *LE SOPHISTIQUE*, de Adriana Geiros. Em termos dos “nanicos gays” de outros Estados, Agildo Guimarães afirma que o maior contato deles era com a cidade de Salvador. Da Bahia, a entrevista aponta *O GAY* e *GAY SOCIETY*, de Jackie de Maga; *O TIRANINHO*, de Orlando Andrade; *Fatos e Fofocas*, *BABY*, *ZÉFIRO*, *LITTLE DARLING* e *ELLO*, de Di Paula.

Convém ressaltar que Agildo Guimarães e Anuar Farah foram os fundadores da Associação Brasileira de Imprensa Gay (ABIG), a qual tinha como objetivo reunir todos os jornais gays editados no Brasil, e lutar por um ideal, o de mostrar à chamada sociedade “normal” que os gays eram tão normais quanto eles. Para Anuar Farah: “Uma das maiores contribuições nossas, na minha opinião, foi, sem dúvida, sairmos dos salões fechados, como chamávamos antigamente nossas casas, e nos apresentarmos em público”.⁶

Na mesma edição 28, na seção *Opinião*, “Nós ainda estamos aqui”, texto assinado por Aguinaldo Silva, apresenta um balanço da crise que o *Lampa* estava enfrentando na ocasião, finais do ano 1980, reflexo da crise geral (nacional), quando o jornal passou a receber ameaças anônimas e bloqueios nas bancas. Nesse contexto, Silva faz um apelo por novas assinaturas argumentando que o periódico conseguiria se manter nas ruas apenas com um número cada vez maior de assinantes.

Das razões que levaram ao fim do periódico aponta-se a crise financeira, em decorrência da baixa capitalização com os anúncios, as assinaturas, as festas, os livros e os calendários impressos pela Editora Esquina. Isto contribuiu, num cenário nacional marcado pela inflação delfiniana altíssima, para que o jornal ficasse mais caro para os editores e para os leitores. Às adversidades econômicas somam-se a divisão dos membros do conselho e colaboradores – entre o grupo de São Paulo, representado na figura de João Silvério Trevisan, e o grupo do Rio, representado na figura de Aguinaldo Silva – em relação aos rumos editoriais do jornal; e a cooptação de assuntos tratados no *Lampião* por parte da grande imprensa. Pouco depois de completar seu “terceiro anuzinho”, celebrado no Schnitt, as luzes da redação do *Lampião da Esquina* se apagaram em definitivo no bairro carioca da Lapa.

⁶ *Lampião da Esquina*. Ano 3, n. 28, set. 1980, p. 7.

3 “QUERIDOS LAMPIÔNICOS”: O GÊNERO CORRESPONDÊNCIA NA PERSPECTIVA ESPECÍFICA DE CARTAS DE LEITORES PUBLICADAS EM LAMPIÃO DA ESQUINA

André Comte-Sponville inicia seu “A correspondência”, ensaio presente no livro *Bom-dia, Angústia!*, com o seguinte questionamento: “Por que se escreve uma carta?”. Para o autor, a correspondência surge de uma dupla impossibilidade, entre fala e silêncio, entre comunicação e solidão: o missivista é alguém que não pode nem falar nem calar. “As pessoas se escrevem porque não podem falar-se: o mais das vezes por causa da distância, da separação, de um espaço que as falas não podem transpor” (1997, p. 35). Escrevem para vencer o espaço: “Escrevendo, é possível estar junto, próximo ao ‘outro’ através e no objeto carta, que tem marcas que materializam a intimidade e, com a mesma força, evidenciam a existência de normas e protocolos, compartilhados e consolidados”. Escrevem para “informar, pedir, agradecer, desabafar, rememorar, consolar, estimular, comemorar”, enfim, “há sempre uma razão ou razões para fazê-lo” (Gomes, 2004, p. 19-20).

No caso específico das cartas de leitores, por que um leitor de determinada revista ou jornal decide escrever para estes veículos de informação? Geralmente, para tratar de um conteúdo temático publicado anteriormente pela revista ou pelo jornal, mas não apenas para isso.

Segundo Angela de Castro Gomes (2004), as cartas são textos que se realizam através de fórmulas bastante conhecidas, como a datação, o tratamento, as despedidas e a assinatura. A escrita epistolar envolve o envio e o recebimento de mensagens entre indivíduos e é marcada por um ritmo descontínuo e cíclico, que pode ser acelerado ou desacelerado a depender dos acontecimentos e momentos da vida dos missivistas. São constitutivos dessa prática cultural múltiplos distanciamentos:

O primeiro a ser notado é o da distância no espaço e no tempo entre as ações de escrever e ler cartas: a distância entre os correspondentes que se encontram nesse lugar, físico e afetivo, constituído pelas cartas. Outro é o distanciamento entre o autor da carta e todos os acontecimentos narrados, principalmente os que têm nele mesmo o principal personagem. Ou seja, no momento da escrita, os acontecimentos/personagens narrados experimentam tempos variados, que podem se situar no passado, no presente ou no futuro, nos projetos anunciados e planejados em conjunto (Gomes, 2004, p. 20).

Em uma reflexão sobre o gênero epistolar, exposta na crônica “A quem pertence uma carta?”, Philippe Lejeune (2008, p. 252) afirma que a carta “é um objeto (que se troca), um ato (que coloca em cena o ‘eu’, o ‘ele’ e os outros), um texto (que pode ser publicado)...”. Embora

o foco de Lejeune tenha sido as questões éticas e patrimoniais da correspondência, Marcos Antônio de Moraes (2009, p. 116) ressalta que “em torno de cada uma dessas perspectivas (carta/objeto; carta/ato; carta/texto) orbita uma constelação de assuntos, valores simbólicos e indagações”. Vejamos.

A carta tomada como objeto cultural reporta ao seu suporte e a seus significados, aos aspectos históricos e materiais da partilha epistolar: qualidade e cor do papel, timbres, monogramas, marcas d'água, entre outros, “assim como os instrumentos da escrita, espelham códigos sociais, entremostrando a mão – classe, escolaridade, formação – de quem escreve” (Moraes, 2009, p. 115). Já os vestígios do funcionamento da maquinaria institucional responsável por colocar as cartas em circulação podem ser notados através dos sobrescritos, selos e carimbos postais. Também na condição de objeto, a carta apresenta oportunidade para uma discussão a respeito da guarda e conservação de correspondências em arquivos públicos e privados etc., e “se presta à apropriação/transfiguração artística e à exploração econômica, quando não se anula sob a forma de fetiche na mão de colecionadores” (Moraes, 2009, p. 116).

Concebida como ato, no sentido da representação teatral, a carta se compõe de cenas nas quais circulam personagens: “o remetente assume ‘papéis’, ajusta ‘máscaras’ em seu rosto, reinventando-se (‘encenação’) diante de seus destinatários” (Moraes, 2009, p. 116). Em razão do seu caráter performativo, ela movimenta pensamentos, projetos, afeições. Enquanto texto, a carta é do interesse de distintas áreas do conhecimento, das ciências humanas e das artes às ciências exatas e biológicas; de “olhares que desejam captar testemunhos e convicções, fundamentos artísticos e científicos, experiências vividas ou imaginadas” (Moraes, 2009, p. 116).

Na contemporaneidade, conforme Marília Rothier Cardoso (2000), se a ilusão da profundidade interior vai sendo desfeita pela psicanálise enquanto o desnudamento dos corpos e das almas vai sendo simulado pela mídia, o desejo insistente de desvendar o segredo do outro, tipicamente vitoriano do *voyeur*; o desejo acentuado de consumir “lampejos da intimidade alheia” (Sibilia, 2016, p. 247), permanecem latentes. Basta observarmos o sucesso editorial das narrativas biográficas e das coletâneas de correspondências, a ampliação de ações de preservação de arquivos pessoais e o empenho dos pesquisadores para conceituar teoricamente as “escritas de si” (Cardoso, 2000).

A carta é um objeto/ato/texto cuja construção se dá no cruzamento entre a variabilidade e a fixidez, o social e o individual, o público e privado, a expressão literária sentimental e a fortuita ingênua. À sua mensagem podem ser inscritos todos os assuntos pois

não há limites temáticos, desse modo, sua significação dentro do mecanismo social é riquíssima. “O trabalho de pesquisa dedicado à consolidação de um estatuto para o discurso epistolar tem-se detido, tão longamente quanto possível, sobre a correspondência entre personalidades públicas – o que gratifica o lado *voyeur* dos pesquisadores” (Cardoso, 2000, p. 333). Por exemplo, *Prezado senhor; prezada senhora*, importante antologia ensaística sobre cartas, organizada por Walnice Nogueira Galvão e Nádya Battella Gotlib, privilegia o estudo da correspondência de personalidades públicas como Ana Cristina César, Fernando Pessoa, Mário de Andrade, Machado de Assis, João Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Oscar Wilde, Freud etc. “No entanto, o lado menos afoito e mais sistemático dos estudiosos instiga-os a considerar também o outro componente de seu objeto: as cartas pessoais trocadas entre cidadãos comuns” (Cardoso, 2000, p. 333).

Além das cartas pessoais trocadas entre cidadãos comuns, têm interessado também a estes estudiosos, os quais nos aproximamos, as cartas de leitores. Conforme Antônio Luiz Assunção,

As cartas de leitores são textos publicados dentro de um espaço específico nos meios de informação impressos. Caracterizam-se não só pelo tamanho como também por sua temática. São cartas enviadas ao editor da publicação e estão organizadas sob uma rubrica. Essa organização é feita pela edição da revista ou do jornal conforme o meio onde elas foram publicadas (Assunção, 2007, p. 662).

Por exemplo, o jornal *Lampião da Esquina* as apresentavam numa seção denominada *Cartas na Mesa*.

O que caracteriza essas cartas é a referência. As cartas de leitores tratam de questões ligadas aos trabalhos da revista para a qual escrevem. A intertextualidade, portanto, é uma característica marcante nessas cartas, à medida que o conteúdo das cartas publicadas diz respeito a uma temática, publicada anteriormente pela revista (Assunção, 2007, p. 662-663).

A ideia do Conselho Editorial do *Lampião* era fazer desta seção “uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal”. Além disso, a depender da correspondência recebida, poderiam ser publicados até artigos e fotos, “enviados pelos leitores e que se enquadrem na linha de idéias que norteou a criação do jornal”⁷. Nota-se que a intenção do Conselho Editorial não é fazer de *Cartas na Mesa* uma seção típica, cujo objetivo seja o de receber exclusivamente cartas de leitores que tratem de questões referentes ao conteúdo do jornal, pelo contrário, o intuito é reservar ao leitor um espaço para se expressar livremente a respeito do que desejar, podendo até enviar artigos e fotos. À vista disso, as cartas de leitores do *Lampa* não se caracterizam

⁷ *Lampião da Esquina*. Ano 1, n. 0 [edição experimental], abr. 1978, p. 14.

apenas pela referência, mas também pela escrita de si, uma vez que o leitor deste jornal escrevia também para tratar de si e dos “sentimentos da alma”.

Cartas na Mesa fez tanto sucesso entre o público lampiônico que os leitores passaram a interagir uns com os outros na/pela seção. Inicialmente, como não sabiam o endereço dos autores daquelas missivas, com os quais desejavam se corresponder, os leitores endereçavam cartas para o *Lampião* solicitando que o jornal as remetesse para os destinatários, ou que o jornal enviasse endereços de pessoas para eles se corresponderem. Atendendo à sugestão, criou-se a seção *Troca-Troca*, na qual eram publicados gratuitamente pequenos anúncios de leitores interessados em trocar correspondência, a única condição imposta para a publicação se referia ao tamanho do texto, que deveria ser muito curto por razões topográficas. Nestes anúncios, geralmente, os leitores informavam nome, idade, endereço, descreviam seus atributos físicos e culturais e delineavam o perfil de missivista que estavam à procura. *Troca-Troca* começou a ser veiculada em novembro de 1979, acompanhando as seções *Literatura*, *Reportagem*, *Ativismo*, *Tendências*, *Entrevista*, *Ensaio* ou *Esquina*, a depender da edição, até dezembro de 1980. A partir de janeiro de 1981 e até a última edição do jornal em junho do mesmo ano, a seção passou a estar com *Cartas na Mesa*, agora nas primeiras páginas do jornal.

4 NA MESA, AS CARTAS DE LEITORES DO LAMPIÃO DA ESQUINA

Como explicitado, as cartas de leitores do *Lampião da Esquina* são específicas: caracterizam-se não apenas pela referência, como o típico modelo de carta de leitor dos meios de informação impressos, reservado a tratar exclusivamente de questões referentes ao conteúdo veiculado, mas também pela escrita de si, “com informações pessoais, reflexões e expressões de sentimentos, servindo, na linha foucaultiana, de coincidência do olhar do outro e daquele que se volve para si próprio simultaneamente para um e para o outro” (Kohlrausch, 2015, p. 151).

Nesse aspecto, as cartas de leitores do *Lampião* se aproximam das cartas pessoais, embora violem as condições deste gênero, pois:

As cartas pessoais não são para serem divulgadas e quando o são podem gerar problemas, como por exemplo, o rompimento das relações entre os interlocutores. As cartas de leitores, por outro lado, caracterizam-se como textos para publicação. Embora dirigidas a um destinatário, no caso, a redação, elas remetem para a comunidade de leitores, isto é, todo aquele que quiser ler, cabe apenas a abrir a revista ou o jornal na seção de cartas dos leitores. Ou seja, **enquanto as cartas**

personais protegem o dizer do seu autor; as cartas de leitores o expõe (Assunção, 2007, p. 670, grifos meus).

Conforme Silviano Santiago, “ao invadir a intimidade da letra epistolar, estamos sendo, antes de tudo, transgressores” (2006, p. 61). Por sua vez, a letra epistolar lampiônica nos oferece, publicamente, a intimidade do seu autor.

Michel Foucault (2002, p. 134), em “A escrita de si”, afirma que a escrita, tal como surge através dos documentos dos séculos I e II d.C., possui uma função etopoiética, isto é, ela “é um operador da transformação da verdade em ethos”, e “parece ter-se estabelecido no exterior de duas formas já conhecidas e utilizadas com outros fins: os hypomnemata e a correspondência”. Conforme o autor, um caderno hypomnemata representa um verdadeiro tesouro acumulado e constitui materialmente uma memória das coisas lidas, ouvidas ou pensadas por seu criador particular, num ato de exercício pessoal. Por sua vez, a correspondência, tomada como um texto destinado a outrem, também dá lugar a exercício pessoal:

A carta enviada actua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como actua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe. Esta dupla função faz com que a correspondência muito se aproxime dos hypomnemata e com que a sua forma frequentemente lhes seja muito vizinha (Foucault, 2002, p. 145).

Porém, apesar desta aproximação, funcional e formal, a missiva não é um simples prolongamento da escrita hypomnemata, explica o filósofo francês, “ela constitui também uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros”. Assim, escrever é “mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro, (...) menos como uma decifração de si por si mesmo do que como uma abertura de si mesmo que se dá ao outro” (Foucault, 2002, p. 149-152). Enfim, “no caso da narrativa epistolar de si próprio, trata-se de fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se volve para si próprio quando se aferem as ações quotidianas às regras de uma técnica de vida” (Foucault, 2002, p. 160).

Ao estudar a escrita de si nas missivas de Sêneca e Marco Aurélio, sobretudo, Foucault postula que

A narrativa de si é a narrativa da relação a si; e aí começam a destacar-se claramente dois elementos, dois pontos estratégicos que com o correr do tempo vão tornar-se objetos privilegiados do que se poderia chamar a escrita da relação a si: as interferências da alma e do corpo (mais as impressões que as ações) e os laços (mais do que os acontecimentos externos); o corpo e os dias (Foucault, 2002, p. 152-153).

Entretanto, “se considerarmos a carta como um exemplar de ‘escrita de si’, de ‘escrita do eu’, temos de levar em conta que nela” (Tin, 2011, p. 3), também,

Por mais íntima que seja, o sujeito se enuncia e se anuncia para outrem, em relação com um destinatário menos ou mais íntimo. A presença do outro, ao qual os escritos são destinados, introduz uma disposição existencial diferente; trata-se de solicitar a atenção, de captar a benevolência duma outra pessoa, da qual a presença ausente irradia todo o campo do discurso (Gusdorf, 1991, p. 152 *apud* Tin, 2011, p. 2).

Emerson Tin assevera que “esse enunciar-se e anunciar-se para outrem não se faz de modo aleatório. (...) Ao escrever uma carta, o remetente se comporta como se estivesse na presença do destinatário” (2011, p. 2). Ademais, conforme Goffman (1985, p. 13-14 *apud* Tin, 2011, p. 3), “quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir”. Assim, a carta parece “apontar para um processo de teatralização do eu, em que subiria ao palco um eu com a máscara – *persona* – mais adequada para o público que está na plateia” (Tin, 2011, p. 3). Como notado por Angela de Castro Gomes, o uso da metáfora de um “teatro da memória”, na qual o indivíduo é tomado como personagem de si mesmo, é bastante recorrente nos estudos sobre escrita de si, “situando esse tipo de escrita como um palco onde a encenação dos múltiplos papéis sociais e das múltiplas temporalidades do indivíduo moderno encontraria espaço privilegiado” (2004, p. 17).

De acordo com Gomes (2004, p. 14-15), em “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”, a divulgação da prática de uma escrita auto-referencial ou escrita de si, entendida como produção de si no mundo moderno ocidental, pode ser datada do século XVIII, período no qual os chamados indivíduos “comuns” passaram a compor uma memória de si. Ao postularem, no interior do todo social, uma identidade singular para si, esses indivíduos se tornavam “modernos” à medida que “um processo de mudança social pelo qual uma lógica coletiva, regida pela tradição, deixa de se sobrepor”. Por meio dessas práticas culturais, “o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado” (Gomes, 2004, p. 11). A emergência histórica desse indivíduo nas sociedades ocidentais é chave para o entendimento de tais práticas culturais. O significado do ato de escrever sobre a própria vida e a vida de outro, de escrever cartas, portanto, dá-se em contornos sócio-históricos bastante específicos (Gomes, 2004).

Mesmo que toda escrita de si deseje reter o tempo num lugar de memória, vale destacar que a prática da escrita de si é estimulada por determinadas circunstâncias e momentos da história de vida de uma pessoa ou de um grupo, “é o caso dos textos – sejam eles diários, memórias ou cartas – que se voltam para o registro de fases específicas de uma vida”, por exemplo, “viagens, estadas de estudo e trabalho, experiências de confrontos militares, prisão, enfim, um período percebido como excepcional” (Gomes, 2004, p. 18).

Levando em consideração o excepcional período sócio-histórico brasileiro, no qual o *Lampião* é criado, final dos anos 1970 e meados dos anos 1980, buscaremos respostas para as seguintes questões: Em que condições sócio-históricas as cartas de leitores do *Lampião da Esquina* eram escritas? Qual ou quais o(s) seu(s) objetivo(s)? Quem é o leitor que escreve/lê essas cartas? Que assuntos/temas elas envolvem?

Baseando-nos em Gomes (2004), acreditamos que uma maneira possível de “ler” e “ver” as cartas de leitores do *Lampião* passa por entendê-las como

Um espaço que acumula temas e informações, sem ordenação, sem finalização, sem hierarquização. Um espaço que estabelece uma narrativa plena de imagens e movimentos – exteriores e interiores – dinâmica e inconclusa como cenas de um filme ou de uma peça de teatro. (...) Um tipo de discurso multifacetado, com temas desordenados. (...) Um discurso geralmente marcado pelo cuidado no estabelecimento de relações pessoais. (...) Um espaço preferencial para a construção de redes e vínculos que possibilitam a conquista e a manutenção de posições sociais e afetivas (Gomes, 2004, p. 21).

4.1 Tempos de *Lampião*

À época, a percepção do Conselho Editorial do *Lampião* sobre a conjuntura sócio-política brasileira era de que “ventos favoráveis sopram no rumo de uma certa liberalização do quadro nacional”. É assim que se inicia, em tom de manifesto, “Saindo do gueto”, texto publicado na seção *Opinião*, na edição piloto do *Lampa*. Naquele momento, um espectro rondava o Brasil, “uma investigação das alternativas propostas faz até com se fareje”, o espectro de uma abertura do discurso brasileiro: “em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia”; de “intensificação das campanhas pela redemocratização e a reorganização dos diversos movimentos sociais (feminista em 1975; estudantil em 1977; negro em 1978; sindical também em 1978)” (Quinalha, 2022, p. 107). Como se pode notar, trata-se de um período excepcional.

A título de reflexão sobre os primórdios de uma organização política dos homossexuais brasileiros, Renan Quinalha (2022) recupera um trecho da entrevista do jornalista Celso Curi ao *Lampião da Esquina*, no número de estreia do jornal, em 1978, no qual Curi afirma: “Quando me perguntam pelo movimento homossexual no Brasil, respondo que ele não existe, existe é uma movimentação homossexual, da boate para o táxi, do táxi para a sauna”; e ironiza: “No Brasil nem movimento de manicure é possível”.⁸

⁸ *Lampião da Esquina*. Ano 1, n. 0 [edição experimental], abr. 1978, p. 7.

Quinalha sublinha na resposta do jornalista uma interessante distinção entre movimentação e movimento, e argumenta que, muito antes da emergência da sigla LGBTI+, as subjetividades homossexuais já marcavam presença, uma movimentação, na história do Brasil, visto que ao menos desde o violento processo de colonização, a sociedade brasileira, hétero e cisnormativa organizada, deparou-se com pessoas que desejavam outras do mesmo sexo, como demonstra João Silvério Trevisan no monumental *Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Com o passar dos anos, muitos foram os territórios físicos e simbólicos que serviram de palco para a sociabilidade LGBTI+: pontos públicos de pegação, apartamentos privados, clubes fechados, saunas, boates etc. A partir das interações experienciadas no bojo dessa subcultura, produziram-se modos diversos de uniões e associativismos, fundamentais para que uma organização política na forma de um movimento social pudesse ser produzida (Quinalha, 2022, p. 105).

Apenas na década de 1970 é que os esforços para uma mobilização política homossexual frutificaram nos trópicos. Panfletos e pequenos jornais, na maior parte das vezes artesanais e/ou modestos, como o *Lampião*, foram importantes veículos para circular informações, conectar pessoas em uma verdadeira esfera pública, e constituir identidades individuais e coletivas, apesar do enorme conservadorismo moral daqueles tempos (Quinalha, 2022). Nesse período, no bojo do primeiro ciclo do movimento homossexual brasileiro, nomeado por Quinalha de “Ciclo da afirmação homossexual e combate à ditadura”, a construção e a afirmação de uma identidade homossexual mais estabilizada eram preocupações centrais.

Não por outra razão, os grupos serviam como espaço de acolhimento coletivo, nos quais os indivíduos encontravam segurança para se assumir e se revelar entre pares, em um autêntico processo de criação coletiva de consciência sobre as formas de existência homossexual (Quinalha, 2022 p. 107).

Conforme Paulo Souto Maior e Joana Maria Pedro (2021), o conceito de homossexualidade, no Brasil, passou por mudanças profundas nos anos 1970. A imprensa “nanica”, como o jornal *Lampião da Esquina*, as ações de militantes homossexuais organizados em grupos, como o Somos (1978-1984) e o Grupo Gay da Bahia (1981), desempenharam um papel decisivo nesse processo, ao combaterem avidamente o predominante discurso médico sobre a homossexualidade que a postulava como uma patologia. Nessa mesma década, ressaltam os autores, uma identidade homossexual começava a ser gestada, a qual deveria ser mostrada com orgulho e felicidade, abandonando os lugares da vergonha.

Como se nota, as pessoas LGBTI+ têm sido marginalizadas socialmente, há muito tempo, por uma ordem patriarcal e heterociscentrada, restando a esses corpos subalternizados transitarem na clandestinidade. Segundo Souto Maior e Pedro (2021, p. 334), “para existir fora da tristeza, da solidão que foram fabricadas como o lugar do homossexual enrustido, era preciso se assumir”. Entretanto, antes disso,

Indivíduos precisam se identificar, aceitar-se para, em seguida, se assumir publicamente. **Aceitar-se e assumir-se foram fatores decisivos na subjetividade da experiência homossexual no final dos anos 1970.** Essa identidade se formulava inerte e excludente. A identidade homossexual, do mesmo modo que veio tentar demolir os muros que separavam os homossexuais do restante da sociedade, acabou por criar outros muros entre os que se reconhecem ou não homossexuais, se assumem ou não (Souto Maior; Pedro, 2021, p. 334-335, grifos meus).

“Normalmente o *Lampião* ficava escondido na própria banca. Então o ato mesmo de comprar o jornal era uma espécie de saída do armário, uma forma de assumir”, lembra-nos João Silvério Trevisan (*apud* Péret, 2011, p. 125).

Em *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, James Naylor Green explicita como se dava a formação daquilo que ele nomeou de “comunidade imaginária dos homossexuais brasileiros” se apropriando do conceito, proposto por Benedict Anderson, de “*Imagined Communities*”. Anderson entende que uma comunidade “é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (Anderson, 2008, p. 32). Green observa que a construção de uma comunidade entre homossexuais e o início da formação de uma identidade cultural se refletiam nas páginas de *O SNOB*, as quais exerciam também uma atuação direta na construção da comunidade e da identidade homossexuais. Considerando a conjuntura das subculturas homossexuais do Rio de Janeiro e São Paulo, em finais dos anos 50 e nos anos 60, o historiador explica: “a ideia de uma comunidade imaginária, emprestada de Benedict Anderson, está ligada a um sentimento de conexão com outros que compartilhavam uma experiência similar de marginalidade social” (Green, 2000, p. 317).

Dessa maneira, “fortes laços podiam se desenvolver entre pessoas praticamente estranhas que se conhecessem na praia, em pequenas festas ou eventos culturais” (Green, 2000, p. 317). Acrescentaríamos aos palcos desses encontros e desencontros as seções de cartas de leitores, como *Cartas na Mesa*, ou *Confidências*, da revista *Rose* (cf. Souto Maior e Pedro, 2021), por exemplo, “não apenas por causa de atração sexual, mas também como resultado de uma afinidade baseada em sua necessidade comum de enfrentar uma sociedade relativamente hostil” (Green, 2000, p. 317). Por fim, Green sublinha o apontamento de Jeffrey

Escoffier a respeito do caminho pelo qual os discursos opositores e hegemônicos anti-homossexuais foram superados pelos gays nos Estados Unidos, em 1950 e 1960: o importante caminho de uma “descoberta do social”, de uma “capacidade de imaginar-se num certo tipo de mundo, e o processo de socialização nesse novo universo” (2000, p. 317).

Uma rica visão do que pensavam, como viviam e que identidades os homossexuais da época assumiam ou deixavam de assumir é oferecida pela possibilidade de diálogo entre leitor e jornal e leitor e outros leitores (Simões Júnior, 2006). Assim, *Cartas na Mesa* é um “espaço privilegiado e representativo das múltiplas identidades homossexuais”, nas e através das missivas lampiônicas, “o leitor se expõe – ainda que sob anonimato –, se reconhece no pertencimento a um grupo e percebe o jornal enquanto espaço que anuncia o discurso e a postura desse mesmo grupo para fora do gueto” (2006, p. 13).

4.2 Cenas lampiônicas: o cotidiano, o corpo e os “sentimentos da alma”

Nas cenas exibidas no palco de *Cartas na Mesa*, observam-se, de modo recorrente, o cotidiano, o corpo (saúde/doenças) e os “sentimentos da alma”: a necessidade e o prazer em trocar cartas; a tristeza e a solidão do homossexual enrustido, sobretudo, e os dramas do armário; a alegria e o orgulho dos entendidos; os amores e os desamores, os encontros e os desencontros de almas solitárias, a vagar tentando, desesperadamente, estabelecer uma conexão significativa. Fazem-se presentes também a união e o associativismo, “esse adensamento de uma comunidade que interseccionava planos distintos da existência dessas pessoas, tais como prazer, diversão, afeto, amizade e cuidado” (Quinalha, 2022, p. 105); uma unidade de diversidades.

O primeiro personagem a deambular neste palco é Infante, um menor de 17 anos com planos suicidas. Os irmãos só lhe dirigem deboches, o pai o detesta, a mãe vive chorando pelos cantos, a lamentar pela “doença” do filho. Como se nota, uma família marcada pelo discurso médico patologizante, intensamente combatido pelo *Lampião*. Motivo de chacota no colégio e no bairro, o adolescente deseja fugir de Recife, mas não tem os recursos necessários. Infante conta como entrou em contato com o *Lampa*, clandestinamente: “Peguei um panfleto anunciando o jornal de vocês numa livraria daqui, decorei o endereço e joguei o panfleto no lixo, para que ninguém o descobrisse comigo”, porém, diz não saber por qual motivo específico está a escrever para o jornal. Perdendo-se nas linhas se revela um garoto perdido, que se sente a última das pessoas, sem ninguém para compartilhar os dramas e vazios de uma

adolescência tão solitária. A carta termina com um pedido de ajuda, um último fiapo de grito: “Agora estou escrevendo, mas nem sei para quê. Será que vocês podem me ajudar?”⁹

Longe de Curitiba, as linhas de Carlos N., 30 anos, membro de uma congregação religiosa e uma família preconceituosa, pedem ajuda a *Lampião*. Muito tímido, homossexual não assumido para os familiares e amigos, “os poucos que tenho não sabem que sou viado. E se souberem, a amizade morre, pois Curitiba é uma cidade provinciana”, Carlos N. solicita ao jornal que envie a ele endereços de pessoas homossexuais, ativas ou passivas, para que possa ter com quem se abrir, “se souber do endereço por carta de algumas pessoas daqui de Curitiba e me enviar, muito grato ficarei”.¹⁰

A carta de Carlos N., publicada em agosto de 1979, motivou C. C. a escrever para o *Lampião* dois meses depois: “Eu gostaria de entrar em contato com esse rapaz já que moramos na mesma cidade, mas como não sei o seu endereço, tomo a liberdade de solicitar a vocês que remetam a ele a carta anexa e que já vai devidamente selada”. Esse tipo de pedido feito pelos leitores curitibanos é recorrente na correspondência de *Cartas na Mesa*, no período que antecede a criação da seção de anúncios *Troca-Troca*, conforme já mencionado. *Curitiba, alone* corrobora o diagnóstico de Carlos N. sobre a vida “provinciana”: “Embora Curitiba já seja uma metrópole, ainda há muito preconceito, principalmente por parte das pessoas mais velhas”. C. C. percebe-se numa condição similar à do conterrâneo: “A gente enfrenta uma barra pesada e por isso é difícil assumir numa boa. É repressão pelos familiares, no emprego e nos meios que a gente frequenta. (...) E fugir para onde?”¹¹

Made in Campinas apresenta-nos dois alegres e felizes rapazes, João Carlos e Paulo Sérgio: atores transformistas profissionais, na cena noturna campineira, os irmãos dão vida às personagens Wandeca Lampião e Miloca Esquina, respectivamente. “Queridos Lampiônicos: (...) Ah! Vocês sabiam que a mamãe adora o seu jornal, aliás, o nosso? Além de tudo, ajuda-nos em tudo, até nos nossos trajes de noite”. Como notado, os rapazes são assumidos e aceitos pela mãe, assim como pelos amigos: “Como aqui em Campinas não encontram nas bancas o nosso jornal, o que fazemos quando estamos aí pela capital? Damos uma de Sarita Montiel¹², só que, em vez de violetas, levamos Lampião para os amigos que pedem”. Wandeca e Miloca escrevem na tentativa de demonstrarem que também há alegria, felicidade e comunhão no cotidiano dos homossexuais. No mais, revelam que estão preparando “uma

⁹ *Lampião da Esquina*. Ano 1, n. 0 [edição experimental], abr. 1978, p. 14.

¹⁰ *Lampião da Esquina*. Ano 2, n. 15, ago. 1979, p. 18.

¹¹ *Lampião da Esquina*. Ano 2, n. 17, out. 1979, p. 19.

¹² Em 1958, a atriz e cantora espanhola Sarita Montiel protagonizou *La violetera*, filme dirigido por Luis César Amadori, no qual deu vida à Soledad, uma jovem que vende violetas pelas ruas madrilenhas.

fantasia para o carnaval que vai homenagear o nosso grande Lampião”, desejam ao *Lampa* sucesso e força para aguentar a barra; “E vai também uma foto tirada com todo carinho e ternura para vocês. Beijos para todos, principalmente para Rafaela¹³”.¹⁴ Cinco meses depois, em abril de 1980, Miloca aparece sozinha, em *Miss Campinas*, para contar que o Lampião passou a ser vendido nas bancas da cidade e também sobre sua aclamação como Marilyn Monroe, num domingo de carnaval, no conhecido e badalado concurso da Bolsa de Valores: “Alô amigos lampiônicos, aqui quem escreve é ‘Miss Copacabana 80’, ou Miloca da Esquina, agora conhecida como Marylin Monroe”.¹⁵

“Querido Amigo Lampião: Escrevo esta porque estou me sentindo muito só, (...) o que sinto é tempestade. Estou com vontade de escrever, talvez assim eu me sinta melhor”. É assim que Penny, uma carioca tímida, sensível e muito romântica, dirige suas primeiras linhas ao *Lampa*, em dezembro de 1979, como quem precisa de um amigo para desabafar. A jovem não era assumida para os amigos e familiares e não tinha ninguém para confiar suas verdades. Ao se perceber na solitária do armário, enclausurada no dramático “enrustimento” de seu ser, Penny experimenta uma angústia enorme: “Se não fosse a faculdade, não sei se suportaria essa solidão. Às vezes chego a sentir que solidão é o meu feminino singular e que vai ser sempre assim. Fico pensando como é que posso ser e estar tão só numa cidade como esta”.¹⁶

Em março de 1980, A. O. escreve para o *Lampião* relatando ter se apaixonado pela cartinha tímida de Penny e, “por razões que nem a nossa vã filosofia pode explicar”, ter conhecido pessoalmente a autora da carta. Em pouco tempo, A. O. e Penny se tornaram ótimas amigas, passando a estar juntas 16 a 18 horas por dia, ou penduradas horas a fio no telefone. A. O. conta também que levou a jovem universitária ao show da cantora Ângela Ro Ro, duas vezes, e ao bar Acapulco, lugares de público majoritariamente homossexual, onde Penny pôde se soltar um pouco mais. Confusa e apaixonada, A. O. quer se declarar, por isso também escreve em busca de orientação:

Sei que vocês não gostam de dar conselhos, mas gostaria que me orientassem pois estou completamente maluca, sem entender nada, e não tenho com quem me abrir. (...) Gostaria que publicassem essa carta mesmo com o risco dela perceber de imediato. E se isso acontecer, que ela saiba que eu a amo de verdade, que não quero ser platônica, quero ser verdadeira, que quero fazê-la real dentro do meu ser. Ela dizia na carta que a solidão é o seu feminino singular; pois bem digo nessa que quero fazer dela o meu feminino plural.¹⁷

¹³ Rafaela Mambaba era uma personagem fictícia, criada pelos editores do *Lampião*, responsável por tecer “comentários ferinos” na seção *Bixórdia*, “uma apimentada ‘coluna social’ criada a partir da edição 05 de outubro de 1978” (Gonçalves, 2022, p 31).

¹⁴ *Lampião da Esquina*. Ano 2, n. 18, nov. 1979, p. 18.

¹⁵ *Lampião da Esquina*. Ano 2, n. 23, abr. 1980, p. 18.

¹⁶ *Lampião da Esquina*. Ano 2, n. 19, dez. 1979, p. 19.

¹⁷ *Lampião da Esquina*. Ano 2, n. 22, mar. 1980, p. 19.

Em *O drama do Cacá*, publicada em julho de 1979, acompanhamos a história de Cacá, que está a enfrentar o luto: a sua querida Maria Cristina não resistiu ao acidente de carro que o casal sofreu alguns meses atrás. Cacá, residente de São Paulo, relata que recebeu o “Lampiãozinho” de uma amiga: “Cacá, enxugue as lágrimas e curta o Lampião, ele vai iluminar o seu coraçãozinho; este jornal poderá lhe devolver suas esperanças pela morte do seu caso!”. No vazio de seu solitário apartamento, Cacá relembra os três anos de relacionamento, detalhes do acidente, o quanto foi difícil e doloroso atravessar aquelas semanas tempestivas entre a sua casa e o hospital, nas quais desafogava sua dor entre o Cachação, Dinossauru’s e Ferro’s Bar, importantíssimos espaços de socialização lésbica da época.

É, Lampa. Desculpe, tá, eu te contar tudo isso, mas você me deu um pouco de coragem. Desculpe essa letra horrível, eu estou com o braço direito imobilizado, com gesso na virilha até o pescoço mas acho que a vida, ao mesmo tempo, tem que ser tocada para frente. Me escreva, por favor. Um abraço de Cacá.¹⁸

Quase um ano depois, em *Cacá sumiu*, publicada em junho de 1980, a carioca Beth nos conta que após ler a emocionante carta de Cacá, na edição 14, decidiu entrar em contato e passou a se corresponder com a jovem. Agora, sem ação, atônita e com o coração machucado pelo desaparecimento da amada correspondente, Beth escreve para o *Lampião* com a esperança de obter alguma novidade sobre Cacá, “uma garota de uma força incrivelmente estranha e imensa, me fez renascer de um passado triste, me devolveu a vontade de amar e me entregar a esse amor”: reduzido a cartas, dois retratos, um cachorrinho de pelúcia, a lembrança de alguns telefonemas e uma angústia imensa.¹⁹ Nota-se a partir dos casos de Penny e A.O. e Cacá e Beth, por exemplo, como as interações entre os leitores ultrapassaram os limites do universo mimeografado de *Cartas na Mesa*.

O vibrante R.C. dá início à sua carta com um sentimento de irmandade: “Meus irmãos, acabo de ler o nº 5 dessa maravilhosa publicação que, embora impressa em preto e branco, para nós, gays, é ilustrada em cores maravilhosas e cintilantes, como a vida parece ser”. O carioca diz vibrar de satisfação quando vai à banca de jornal comprar o que considera ser as suas verdades: “para mim é como se fosse um novo dia mesmo que está nascendo”. O rapaz se sente feliz de poder ler algo que se refere à sua condição de vida, “neste planeta terra, tão cagado pelo arcaico e medieval preconceito que o homem espalhou no mundo”. R.C. confessa não ter se realizado ainda por temor de ter de assumir sua homossexualidade, sobretudo no local de trabalho, “no meu trabalho não, no curso de jeito algum pode ser notado”, porque

¹⁸ *Lampião da Esquina*. Ano 2, n. 14, jul. 1979, p. 18.

¹⁹ *Lampião da Esquina*. Ano 3, n. 25, jun. 1980, p. 19.

todos pensam que ele é heterossexual: “Se vocês soubessem o sacrifício que é para mim me fazer notar como gay, tenho certeza que chorariam de tristeza que têm um amigo que vive frustrado”, o tempo todo a pensar “o que será que os outros vão dizer?”. Entretanto, o lampiônico afirma, “não me faltam forças para lutar por um ideal de vida comum e consciente de que estamos no caminho certo”, como se ensaiasse um livramento do peso nas costas de não poder se assumir.²⁰

Sentindo-se também em irmandade, R. Andrade afirma: “Para mim é um alento ter o Lampião porque sinto-me em irmandade com milhares de outras pessoas”. A lampiônica relata que durante quase toda a vida foi uma pessoa muito insegura, a qual acreditava que o fato de ser homossexual fosse a pior desgraça do mundo, contudo, naquele momento, já conseguia curtir mais a vida. Após tantos anos de sofrimento, ela afirma: “Já consegui fazer amigos homossexuais, já não sofro tanto e tenho uma imensa vontade de escrever e criar coisas”. R. Andrade diz ter um amor há 16 anos, com quem agora está recomeçando sua vida. “Envio-lhes um pequeno poema que fiz em homenagem ao meu amor e acredito que as lampiônicas irão gostar. Meu abraço afetuoso”.²¹

Em *Os passionários*, carta sem assinatura, publicada em novembro de 1979, um economista, professor universitário, relembra os prazeres e as dores do período em que conheceu o seu amor, enquanto os dois militavam em uma organização de esquerda, em 1964:

Com o conhecimento, o companheirismo, chegamos ao sexo e passamos a fazê-lo regularmente. Primeiro com traumas (beijos e masturbações mútuas, mesclados com complexo de culpa, depois, mais abertos e hoje tranquilos, apesar de não praticarmos a relação anal.²²

Tranquilos, em relação a serem assumidos para si próprios, porém, na condição de enrustidos para o resto do mundo: “Na verdade, estamos isolados. Gostaríamos de sair da toca, não assumindo publicamente, mas, discutindo com outros homossexuais problemas sociais e políticos em geral com uma abordagem homossexual”.²³

A linguagem e o vocabulário empregados nessas cartas sinalizam para a afetividade e a proximidade física da relação que estava em jogo, que pode ser percebida nas formas de tratamento, “Querido Amigo Lampião”; “Lampiãozinho”; “Alô amigos lampiônicos”; “Meus irmãos”, e nas despedidas, “Um abraço”; “Meu abraço afetuoso”; “Beijos para todos”.

O corpo e os “sentimentos da alma” perpassam também os anúncios dos missivistas publicados na seção *Troca-Troca*, vejamos alguns brevemente.

²⁰ *Lampião da Esquina*. Ano 1, n. 6, nov. 1978, p. 15.

²¹ *Lampião da Esquina*. Ano 2, n. 19, dez. 1979, p. 18.

²² *Lampião da Esquina*. Ano 2, n. 18, nov. 1979, p. 19.

²³ *Lampião da Esquina*. Ano 2, n. 18, nov. 1979, p. 19.

Do Rio de Janeiro, Júnior, “professor de alemão, 26 anos, olhos azuis, amante de Santa Teresa, gostaria de se corresponder com alguém para sonhar a dois”.²⁴ De São Paulo, Tereza, “cantora de boites, 29 anos, morena, olhos verdes, 1,70 cm, 70 kg, quer se corresponder com garotas para amizade ou algo mais”.²⁵ O romântico Tom, “guei assumido, alegre, simples, 1.72m, 28 anos, universitário, gostaria de receber cartas de gente que deseja amar e ser amado”.²⁶ De São João da Boa Vista, o motoqueiro Roberto escreve: “Desejo corresponder-me com rapazes transadíssimos com a vida e com o amor. Tenho 23 anos, cabelos castanhos anelados e olhos azuis, ótima aparência. Foto na 1ª carta”.²⁷ Num anúncio anônimo lê-se: “A solidão me deprime. Por isso quero encontrar um rapaz, de Campinas, São Paulo ou Rio, que faça o gênero bofe. Sou estudante, 19 anos e de boa aparência. Fotos na primeira carta”.²⁸ O carioca Geraldo Mello descreve-se assim: “Solitário. Jovem entendido, culto, sensível e romântico, deseja manter correspondência com entendidos para fins afetivos, sinceros e duradouros”.²⁹ De Fortaleza, V.R.S. se descreve como um “coração solitário a procura de afeto”: “28 anos, universitária, olhos castanhos cor de mel, cabelos negros, queimada pelo sol nordestino, 1.60 cm, 48kg. Deseja trocar ideias com moças entendidas e travar uma amizade sincera, sólida e duradoura”.³⁰ “Raramente alcançamos nosso objetivo. O meu é um amor puro e acima de tudo sincero. Quero corresponder-me com você, garota solitária, ativa, que esteja a fim de relacionamento feliz. Sou morena clara e tenho 22 anos”³¹, escreve a caxiense Nêa. Em janeiro de 1980, o porto-alegrense Rafael Dias Hernandez anuncia: “Gaúcho, 21 anos, um punhado de verde nos olhos, quer correspondência com pessoas de todas as idades e sexos. Toda carta será respondida”³². 15 meses depois, em outro anúncio, o missivista lampiônico descreve-se reservando a mesma poesia aos seus olhos: “Sou gaúcho, bem alto, com a cor das matas nos olhos e uma boa dosagem de sendo para a vida”; e propõe-nos no fechar das cortinas: “Que tal viajarem num envelope e me descobrirem, mergulhado nestes sonhos de um rapaz curioso pelo mundo”.³³

²⁴ *Lampião da Esquina*. Ano 2, n. 20, jan. 1980, p. 10.

²⁵ *Lampião da Esquina*. Ano 3, n. 26, jul. 1980, p. 9.

²⁶ *Lampião da Esquina*. Ano 2, n. 24, mai. 1980, p. 13.

²⁷ *Lampião da Esquina*. Ano 3, n. 26, jul. 1980, p. 9.

²⁸ *Lampião da Esquina*. Ano 2, n. 20, jan. 1980, p. 10.

²⁹ *Lampião da Esquina*. Ano 3, n. 27, ago. 1980, p. 12.

³⁰ *Lampião da Esquina*. Ano 3, n. 28, set. 1980, p. 8.

³¹ *Lampião da Esquina*. Ano 3, n. 32, jan. 1981, p. 2.

³² *Lampião da Esquina*. Ano 2, n. 20, jan. 1980, p. 10.

³³ *Lampião da Esquina*. Ano 3, n. 35, abr. 1981, p. 2.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões engendradas, buscamos explicitar o grande destaque conferido às cartas de leitores pelo jornal *Lampião da Esquina*; de que maneira a seção *Cartas na Mesa* funcionava como um legítimo espaço de contato e visibilidade para uma comunidade que se preocupava em constituir, afirmar e estabelecer identidades homossexuais, individuais e coletivas, e combater a ditadura.

Para todas as almas que vimos vagar, no recorte apresentado do universo epistolar de *Lampião*, necessitadas e excitadas, enrustidas e entendidas, tristes e solitárias, alegres e orgulhosas, furiosas e corajosas, apaixonadas e frustradas, uma maneira de estabelecer uma conexão significativa com outros, os quais se identificavam pela experiência de marginalidade social, fazia-se pela correspondência.

Em *Cartas na Mesa*, como num espaço de acolhimento coletivo, as pessoas, assumidas ou não, sentiam-se relativamente seguras para tratarem de si e dos “sentimentos da alma”, colocando-se possibilidades, diferentes formas de existência enquanto homossexual. Reconhecem-se nesses fragmentos temas inéditos e/ou proibidos na grande imprensa da época, os quais marcaram a subjetividade da experiência homossexual no final dos anos 1970 e ainda se fazem presentes no bojo das questões e reivindicações LGBTI+ da atualidade.

Tesouro nacional, as páginas do *Lampião* guardam parte da história da humanidade, afinal, elas não dizem respeito à história de uma minoria. Guardiã da memória dos primeiros soldados, daqueles que afiaram as lâminas para habitarmos uma arena de disputas, montada à nossa revelia, o *Lampa* não foi apenas um jornal, mas uma guerrilha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSUNÇÃO, Antônio Luiz. Cartas de Leitores: reescrita e condições de produção de um gênero midiático. In: IV Simpósio Internacional de Estudos Gêneros, Tubarão, 2007, p. 662-674. Disponível em: <https://acesse.dev/hk3yy>. Acesso em 15 nov. 2023.

CARDOSO, Marília Rothier. Carta de leitor: Reflexões a partir de uma seção do arquivo de Pedro Nava. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella. (Orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 333-339.

COMTE-SPONVILLE, André. A correspondência. In: COMTE-SPONVILLE, André. **Bom Dia, Angústia!** Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 35-44.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Trad. António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 2002, p. 129-160.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella. (Orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, Escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004, p. 7-23.

GONÇALVES, Alisson. Entre bichas e bofes: o auê das palavras no jornal Lâmpião da Esquina (1978-1981). **Revista Anômalas**, v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <http://www.revistaanomalas.periodikos.com.br/article/61ba1ff9a953951e8f418133/pdf/revista-anomalas-1-1.+2021-126.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

KOHLRAUSCH, Regina. Gênero epistolar: a carta na literatura, a literatura na carta, rede de sociabilidade, escrita de si. **Letrônica**, v. 8, n. 1, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrio.br/ojs/index.php/letronica/article/view/21361>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LÂMPIÃO da Esquina. Direção: Livia Perez. São Paulo: Doctela, 2016.

LEJEUNE, Philippe. A quem pertence uma carta? In: LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico de Rousseau à Internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p. 251-254.

LEYLAND, Winston. **Now the volcano**: an anthology of Latin American gay literature. São Francisco: Gay Sunshine Press, 1979.

MORAES, Marcos Antônio de. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. **Patrimônio e memória**, v. 4, n. 2, 2009. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/viewFile/114/506>. Acesso em: 15 nov. 2023.

PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**: entre a militância e o consumo. São Paulo: Publifolha, 2011.

QUINALHA, Renan. Lampião da Esquina na mira da ditadura hetero-militar de 1964. **Cadernos Pagu** (online), n. 61, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/SHVG63XcvL7Tz4Rp3FDBNMB/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SANTIAGO, Silviano. Suas Cartas, Nossas Cartas. In: **Ora (direis) puxar conversa**: ensaios literários. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006, p. 59-95.

SIBILIA, Paula. **O Show do eu**: a intimidade como espetáculo. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2016.

SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. “...E havia um lampião na esquina” – *Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980)*. Orientadores: Lucia Maria Alves Ferreira e Mário César Lugarinho. 2006. 133 p. Dissertação (Mestrado em Memória Social). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006, p. 38.

SOUTO MAIOR, Paulo; PEDRO, Maria Joana. “Há possibilidade de eu me transformar em homossexual?”: A esfera privada da interpelação homossexual no Brasil (1979-1981). In: SOUTO MAIOR, Paulo; SILVA, Fábio Ronaldo da. (Orgs.). **Páginas de transgressão: a imprensa gay no Brasil**. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021, p. 320-352.

TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. Orientadora: Marisa Philbert Lajolo. 2007. 560f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Programa de Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

TREVISAN, Fabrício. “Contra a moral e os bons costumes”: o jornal *Lampião da Esquina*, os homossexuais e a direita política. In: SOUTO MAIOR, Paulo; SILVA, Fábio Ronaldo da. (Orgs.). **Páginas de transgressão: a imprensa gay no Brasil**. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021, p. 213-240.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

JORNAIS

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 1, n. 0 [edição experimental], abr. 1978. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/1217/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, mai./jun. 1978. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/2183/05-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-01-MAIO-JUNHO-1978.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, nov. 1978. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/2316/10-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-06-NOVEMBRO-1978.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, jul. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/2528/18-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-14-JULHO-1979.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 2, n. 15, ago. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/2576/19-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-15-AGOSTO-1979.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 2, n. 17, out. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/2647/21-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-17-OUTUBRO-1979.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 2, n. 18, nov. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/2779/22-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-18-NOVEMBRO-1979.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 2, n. 19, dez. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/3007/23-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-19-SEZEMBRO-1979.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 2, n. 20, jan. 1980. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/4353/24-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-20-JANEIRO-1980.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 2, n. 22, mar. 1980. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/4507/26-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-22-MARCO-1980.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 2, n. 23, abr. 1980. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/4542/27-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-23-ABRIL-1980.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 2, n. 24, mai. 1980. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/4577/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 3, n. 25, jun. 1980. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/4632/29-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-25-JUNHO-1980.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 3, n. 26, jul. 1980. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/4690/30-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-26-JULHO-1980.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 3, n. 27, ago. 1980. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/4895/31-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-27-AGOSTO-1980.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 3, n. 28, set. 1980. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/4951/32-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-28-SETEMBRO-1980.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, jan. 1981. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/5410/36-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-32-JANEIRO-1981.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 3, n. 35, abr. 1981. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/5980/39-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-35-ABRIL-1981.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ANEXO 1 – PINTOU O BODE

Há dias em que tenho vontade de me matar. Meus irmãos debocham de mim, meu pai me detesta, minha mãe vive chorando pelos cantos, lamentando minha doença. No colégio todos caçoam de mim, na rua assobiam quando eu passo. Estou ficando cada vez mais conhecido na minha cidade. Tenho vontade de fugir, mas não tenho meios. Além disso sou menor, tenho 17 anos. Sinto-me a última das pessoas. Peguei um panfleto anunciando o jornal de vocês numa livraria daqui, decorei o endereço e joguei o panfleto no lixo, para que ninguém o descobrisse comigo. Agora, estou escrevendo, mas nem sei para quê. Será que vocês podem me ajudar?

Infante RECIFE – PERNAMBUCO.

ANEXO 2 – LONGE DE CURITIBA

LAMPIÃO, cordiais saudações. Escrevo-lhe para expressar minha satisfação em ter descoberto a existência deste jornal. Não o conhecia. Fiquei muito feliz pelas reportagens do nº 13 - junho de 1979. Agora, o que eu não sei é se o jornal é exclusivamente para os viados e para as lésbicas. Fiquei feliz pela reportagem, porque sou guri.

Só não posso assinar o jornal porque ainda não assumi. Isso, porque correria o risco de vir a ser descoberto pelas pessoas daqui de casa, que são muito preconceituosas e cheias de tabus. E ainda por cima, pertenço a uma congregação religiosa, daí a minha situação crítica. Sou muito tímido, por isso não tenho muitos amigos. Os poucos que tenho não sabem que sou viado. E se souberem, a amizade morre, pois Curitiba é uma cidade provinciana. Estou lhe escrevendo para lhe pedir ajuda. Se fosse possível me mandar por carta os endereços de algumas pessoas, que são homossexuais ativas ou passivas para que eu possa ter com quem me abrir. Eu disse que não assino o jornal por precaução, mas agora passarei a comprá-lo sempre nas bancas, menos arriscado. Se souber do endereço por carta de algumas pessoas daqui de Curitiba e me enviar, muito grato ficarei.

Estou com 30 anos. A última relação que tive foi quando tinha 15 ou 16 anos. Depois, por medo e por estar num ambiente repressivo, nunca mais fui capaz de chegar até um cara e pedir a ele que me tomasse, e assim sou até agora. Por isso, tais endereços muito poderiam me ajudar. Ah sim! Ia me esquecendo... Se pudesse enviar-me uma ou algumas fotos ou posters de homens nus, ficarei muito grato. Poderia ser pelo reembolso, se não for perigoso cair em mãos estranhas.

Carlos N. – Curitiba.

ANEXO 3 – CURITIBA, ALONE

Prezados Lampiônicos. Sou leitor do LAMPIÃO DA ESQUINA desde o número dois, que foi o primeiro a pintar por aqui. Embora não seja assinante, compro-o nas bancas logo que chega e leio todas as seções com interesse, acho os artigos ótimos, bem redigidos e que abordam assuntos variados e ao gosto de todos. É realmente o jornal de que estávamos precisando. Meus Parabéns! Aproveito a oportunidade para dar-lhes o meu voto de solidariedade no momento, augurando que o êxito sorria para vocês ao término do processo que estão enfrentando.

O motivo principal que me leva a escrever é que no exemplar de agosto eu li a carta enviada por um rapaz daqui, que se subscreve Carlos N., e que prendeu minha atenção. O que ele diz é verdade, embora Curitiba já seja uma metrópole, ainda há muito preconceito, principalmente por parte das pessoas mais velhas. A gente enfrenta uma barra pesada e por isso é difícil assumir numa boa. É repressão pelos familiares, no emprego e nos meios que a gente frequenta. Vocês responderam ao rapaz que as pessoas aqui estão a mil e que ele vá a luta e que se não der, ele fuja daqui. Porém, pensem bem, como ele diz que é tímido, será muito difícil seguir a sugestão. E fugir para onde? De nada adiantará, a sua situação será a mesma de agora.

Eu gostaria de entrar em contato com esse rapaz já que moramos na mesma cidade, mas como não sei o seu endereço, tomo a liberdade de solicitar a vocês que remetam a ele a carta anexa e que já vai devidamente selada. Se vocês me prestarem este favor, agradeço desde já.

Outrossim, faço também uma pequena reclamação: que no Lampião de junho, vocês prometeram que no número de julho sairia o roteiro guei do Rio, mas até agora nada. Eu pretendo ir ao Rio em breve e o roteiro seria de muita valia para mim. Sem mais, fico aguardando ansiosamente o exemplar de setembro.

Abraços.

C.C. – Curitiba.

ANEXO 4 – MADE IN CAMPINAS

Queridos Lampiônicos: aqui quem vos fala são dois rapazes muito alegres e felizes. Isso prova que nem todo guei é frustrado ou amargo. Como aqui em Campinas não encontram nas bancas o nosso jornal, o que fazemos quando estamos aí pela capital? Damos uma de Santa Montiel, só que, em vez de violetas, levamos Lampião para os amigos que pedem. E claro que eles pagam, pois não está fácil se virar. Ah! Vocês sabiam que a mamãe adora o seu jornal, aliás, o nosso? Além de tudo, ajuda-nos em tudo, até nos nossos trajes de noite. Nossos nomes são João Carlos e Paulo Sérgio, mas aqui na Costa Aguiar ou na Boca da Cuca, onde temos por vezes a honra de cruzar com Peter Fry, nossos nomes são Wandeka Lampião e Miloca Esquina. Estamos preparando uma fantasia para o carnaval que vai homenagear o nosso grande Lampião. Aguardem o Baile dos Enxutos. No mais desejamo-lhes sempre sucessos e força para agüentar a barra. E vai também uma foto tirada com todo carinho e ternura pra vocês. Beijos para todos, principalmente para Rafaela. P. S.: entrevistem a Emilinha e a Wanderléia juntas. Seria um arraso!

Wandeka e Miloca – Campinas, SP

ANEXO 5 – MISS CAMPINAS

Alô amigos Lampiônicos, aqui quem escreve é a “Miss Copacabana 80”, ou Miloca da Esquina, agora conhecida como Marilyn Monroe, com este último nome fui aclamada no domingo de carnaval na conhecida e badalada “Bolsa de Valores”. Realmente, no dia do concurso a bolsa se apresentava em alta, pois lá estavam grandes valores; podíamos entrar encontrar com Marlene Dietrich, Ângela Maria, Sônia Braga, Wanderléia e outras estrelas menos conhecidas. E aqui vai uma reclamação, porque só não vi os fotógrafos de nosso querido “Lampião”, mas vai minha compreensão, pois quem é que gosta de trabalhar estes dias? Todos querem é brilhar. Aproveito para mandar um beijo especial para o Darcy Penteadado, que estava assistindo ao concurso; realmente um grande valor, o qual me deixou muito emocionada em ter conhecido pessoalmente.

Agora a Miloca (Marilyn Monroe) tem um ano de reinado e de glórias, e espera contar com o apoio de todos os colegas que a prestigiaram no concurso; a esse pessoal “Maravilha” um beijão.

A distribuição do jornal aqui em Campinas está ótima, fiquei surpresa ao passar por uma banca no centro da cidade e ver o tão desejado jornal colocado em destaque, aproveitei para informar a todos os amigos que logo adquiriram um exemplar. Gostaria muito que vocês publicassem fotos do concurso da bolsa de valores e do baile dos enxutos dos São José onde eu estou com a Faixa de “Miss Copacabana 80”.

Miloca da Esquina – Campinas. SP.

ANEXO 6 – CADÊ A TURMA?

Querido Amigo Lampião: Escrevo esta porque estou me sentindo muito só. Não importa se choveu e se agora está fazendo sol, se o que sinto é tempestade. Estou com vontade de escrever, talvez assim eu me sinta melhor. Desde que conheci esse jornal tem sido uma ansiedade esperar pelo próximo número. De ver o carinho e a seriedade que vocês tratam todos os problemas. De ter as cartas, de saber que não sou só eu. Vivo praticamente em casa, com meu violão, discos, livros e a televisão. Se não fosse a faculdade, não sei se suportaria essa solidão. Às vezes chego a sentir que solidão é o meu feminino singular e que vai ser sempre assim. Fico pensando como é que posso ser e estar tão só numa cidade como esta.

Numa noite de sábado como esta resolvi conhecer o Pizzaiolo, mas me assustei com o gueto. Pois não tive um momento de sossego. Companhia e que não me falta, transas também. Mas eu não quero, nunca quis. Não saberia apenas transar por transar. Então porque essa angústia? Um amigo me chamou pra morar com ele. Antes, uma amiga havia me chamado pra morar com ela. Não aceitei nenhum dos dois casos. Além deles não saberem nada de mim, nunca contei nada a ninguém. Talvez por isso, hoje eu esteja precisando de uma amiga pra desabafar.

Sou tímida, sensível e muito romântica pra aceitar apenas uma transa. Gostaria de me sentir conquistada, amada, não apenas desejada. Mas o pior de tudo é que o pessoal à minha volta vive forçando a barra pra que eu namore um outro amigo comum: ficam preocupados porque eu estou sempre só e se não bastasse, o pessoal aqui de casa vive perguntando quando vou arranjar um namorado. Eles não sabem que eu amei foi uma ilusão (nunca disse nada) e que tenho medo de um amor platônico outra vez.

É um sufoco, sabe? Tenho vontade de largar tudo e sumir. Mas sei que não vale a pena, não tenho condições financeiras pra assumir meus atos e ser dona de meu nariz. Enquanto isso estou estudando, pra ter uma profissão. E vou armazenando forças, tomando conhecimento através de vocês, que são realmente uns amores. Meus queridos não deixem que nenhuma força cale as nossas vozes através desse jornal. Sabe, já estou me sentindo melhor e por isso morrendo de vergonha, por contar o que sinto, chego a me sentir individualista, mas só desse jeito é que eu poderia desabafar esse meu enrustimento, essa timidez, essa vergonha de tudo. Termina aqui com um beijão em todos vocês e ansiando pelo próximo mês.

Penny – Rio.

ANEXO 7 – OLHA O ROMANCE

Querida amigos: conheci o LAMPIÃO por acaso; estava fazendo uma análise sobre a imprensa alternativa e tive a oportunidade de ler o nº 19. Desde aí minha vida mudou, pois, acreditem se quiserem, me apaixonei por uma carta. Li e reli que até sei de cor aquela cartinha tímida. Cheguei a escrever duas cartas pra vocês para entrar em contato com ela, mas acabava sempre rasgando e esperando o momento certo. E por razões que nem a nossa vã filosofia pode explicar, conheci a autora da carta – Penny. Nesses poucos dias nos tornamos ótimas amigas, parece até que já nos conhecíamos há anos.

Ela é tão maravilhosa como eu tinha imaginado, estou completamente apaixonada por ela. Mas ela é uma pessoa incrivelmente tímida, não consegue soltar o enorme sentimento que traz em si. Por notar que comigo ela é mais espontânea, começo a dar algumas dicas a meu respeito. Mas o medo, acho eu, de decepção amorosa faz com que ela crie uma couraça.

Levei-a ao show da Ângela Ro Ro, onde a maioria do público é homossexual, pra ver se ela se soltava mais. Antes de começar o show, olhava todos os casais presentes como se fossem de outro mundo, espantadíssima. Pensei que eu estava completamente enganada, que aquela menina, com todas as características da carta, não era a mesma. Então começou o show e ela se soltou um pouco. Maravilhosamente solta, comentando comigo as piadas e achando Ângela ótima, queria assistir outra vez. Entusiasmada levei-a de novo, da estava mais tranqüila e se divertiu mais.

Após o show fomos ao Acapulco para ela conhecer e para ver se dava pra me declarar. Bem, dizer que ela ficou espantada, principalmente com as cantadas que a turma passou nela, já era de se esperar. O que mais me intrigou é que ela olhava tudo com muito interesse e sem mostrar rejeição. Eu morri de ciúmes, pois o sucesso que ela fez, eu nunca tinha visto nenhuma garota fazer por lá. Como ela estava atônita, aproveitei para irmos embora. Ficamos comentando sobre o bar, na porta do prédio dela, umas duas horas. E eu procurando no rosto dela, na voz, alguma característica ou dica para que eu pudesse me declarar ou tentar beijá-la.

Por isso é que não consigo entender se aquele entusiasmo todo, se essa amizade enorme, se toda essa confiança que ela deposita em mim, essa aproximação diária (ficamos juntas 16 a 18 horas por dia, quando não ficamos penduradas horas a fio no telefone), poderá me dar o direito de pensar que ela esteja interessada por mim. Sei que vocês não gostam de dar conselhos, mas gostaria que me orientassem pois estou completamente maluca, sem entender nada, e não tenho com quem me abrir.

Além do mais, se não for ela a menina da carta, não quero perder a sua amizade, pois fico feliz em estar apenas ao lado dela como amiga. Gostaria que publicassem essa carta mesmo com o risco dela perceber de imediato. E se isso acontecer, que ela saiba que eu a amo de verdade, que não quero ser platônica, quero ser verdadeira, que quero fazê-la real dentro do meu ser. Ela dizia na carta que a solidão é o seu feminino singular; pois bem digo nessa que quero fazer dela o meu feminino plural.

A.O. – Rio.

ANEXO 8 – O DRAMA DO CACÁ

Lampião! Tive um enorme prazer em conhecê-lo ontem. Eu estou de mal com a vida, porque o meu anjo bom se foi para sempre, mas apareceu uma amiga e o deixou em minhas mãos, e disse-me com um sorriso maroto: “Cacá, enxugue as lágrimas e curta o LAMPIÃO, ele vai iluminar o seu coraçãozinho; este jornal poderá lhe devolver suas esperanças pela morte do seu caso!”

Lampiãozinho, gostei muito de você, estou pensando numa assinatura, mas espere mais uns dias, porque estou de mudanças para outro bairro, o meu apto. está quase que vazio, não, não estou suportando tanta solidão. De mais a mais, eu vou lhes mandar o meu novo endereço. Se quiseres mandar-me uma frase de consolo o meu coração estará aguardando.

Lampa, eu jamais pensei passar por esta, a minha querida Maria Cristina não foi forte o suficiente para aguentar a barra. Ela estava até reagindo bem, o acidente foi no dia 7 de março, até o dia 22 do mês anterior ela estava quase que boa. Mas os médicos não me enganaram, disseram que a situação dela era muito grave.

Quando o ônibus bateu na porta do meu carro, a porta direita abriu e a coitadinha caiu com a cabeça na sarjeta, sofreu uma fratura craniana nas proximidades da nuca, ficou um hematoma devido à pancada, quebrou o pé esquerdo, levou vinte e oito pontos no braço, não quero nem lembrar... Eu, quando senti a pancada, soltei tudo, volante, marcha, puxei o freio de mão, graças a Deus o carro jogou a traseira e com isso evitei que o Corcel capotasse, se isso acontecesse não sobraria nem eu para contar a história, mas eu queria ter morrido com ela, seria melhor, pelo menos não estaria sofrendo tanto agora, isso sem contar as noites que passava no hospital.

Eu só quebrei uma costela, tirei a coluna do lugar, e uns pontos na cara, mas diante do sofrimento de Maria Cristina, eu nem sentia minhas dores. Quando o estado dela piorou, eu passava dez horas ao lado de sua cama, à noite eu ia para o Cachação, Ferros bar. Dinossauru's, até que o dia surgisse eu pegava um táxi e ia para o lado dela. Só ia para o nosso apto. para tomar banho, pegar camisolas para ela, e mandar as roupas sujas para a lavanderia. Depois de quase dois meses minhas esperanças eram tão fortes que eu delirava com o restabelecimento dela, até que na madrugada do dia 22 de maio ela sofreu uma parada cardíaca, derrame cerebral, durante uma cirurgia, transfusão de sangue, o meu anjo se foi para sempre: eu a perdi. Fiz o que pude e o que não deveria fazer, mas para vê-la viva eu vendia se fosse preciso a minha alma, talvez ela iria sofrer mais se sobrevivesse, ficaria com defeitos

físicos e Psicológicos. Mesmo assim, ela ainda era a minha Maria Cristina de corpo e alma, mesmo que ela só respirasse e mantivesse o espírito no seu lindo corpo, ela seria a mesma e mais amada mulher que já existiu em minha vida.

Nós nos amamos desde que nos vimos pela primeira vez, depois de dois dias começamos nosso caso, e esse durou até a morte, ela foi minha rainha por três anos (1095 dias) de felicidades, eu fui a sua heroína até seu último suspiro.

É. Lampa, Desculpe, lá, eu te contar tudo isso, mas você me deu um pouco de coragem. Desculpe essa letra horrível, eu estou com o braço direito imobilizado. Com gesso da virilha até o pescoço, mas acho que a vida, ao mesmo tempo, tem que ser tocada para frente. Me escreva, por favor,

Um abraço de

Cacá – São Paulo.

ANEXO 9 – CACÁ SUMIU

Oi Lampião. Tudo bem? Não sei se essa é a melhor maneira de tentar encontrar alguém, mas é a única que me restou. Talvez nem todos, ou melhor, quase ninguém vai lembrar, mas no Lampião nº 14 havia uma carta intitulada “O drama do Cacá”, eu li, me emocionei e entrei em contato com essa pessoa. Daí passei a me corresponder com Cacá, desde aquele mês de Julho, minha vida se transformou. Cacá é a pessoa mais maravilhosa desse mundo, ela conseguiu me devolver toda esperança de viver, sim, porque a vida ia me levando e aprontando coisas que eu não conseguia entender porque era tudo ruim mas pintou casa pessoinha linda que me ergueu, só que agora estou novamente no chão, no mais baixo chão possível, tudo porque Cacá sumiu faz um mês e alguns dias. Nunca pensei que eu fosse amar alguém de longe (S.P.), não imaginei ser possível, porque nós não nos conhecemos pessoalmente o que não foi barreira para o amor tomar conta de mim, eu me dei ao máximo possível numa relação entre pessoas distantes e ela também, digo isso por causa das cartas que trocamos e não me deixa pensar que foi um sonho. Hoje restam cartas, dois retratos, um cachorrinho de pelúcia, a lembrança de alguns telefonemas e uma angústia imensa. Não sei o que as pessoas irão pensar mas gostaria de ter essa carta publicada como uma esperança de saber alguma coisa sobre ela, uma garota de uma força incrivelmente estranha e imensa, me fez renascer de um passado triste, me devolveu a vontade de amar e me entregar a esse amor. Agora nesse momento sinto que nada mais é importante, tudo perdeu a lógica, estou completamente sem ação, atônita e o coração está todo machucado. Eu ficaria grata por qualquer notícia recebida porque isso ia me fazer muito bem.

Beth – Rio.

ANEXO 10 – FORTÍSSIMO BABADO

Meus irmãos, acabo de ler o N° 5 dessa maravilhosa publicação que, embora impressa em preto e branco, para nós, gays, é ilustrada em cores, maravilhosas e cintilantes, como a vida parece ser. Pelas belezas e verdades que o LAMPIÃO nos mostra, mesmo aqueles que estão privados de visão poderão sentir tudo o que digo. Vibro de satisfação quando vou à banca de jornal para comprar as minhas verdades: para mim é como se fosse um novo dia mesmo que está nascendo. Sinto-me realmente feliz de poder ler algo que se refira à minha condição de vida neste planeta terra tão cagado pelo arcaico e medieval preconceito que o homem espalhou no mundo. Não me faltam forças para lutar por um ideal de vida comum e consciente de que estamos no caminho certo, pois é uma merda ter de passar o resto da podre vida com esse peso nas costas de não poder se assumir, com medo da sociedade que, com suas idéias, consegue nos atrofiar. Meus casos são como a lua cheia, que só aparece quando se cansa de estar vazia. Não me realizei ainda por temor de ter de assumir minha homossexualidade quando todos pensam que sou heterossexual. Se vocês soubessem o sacrifício que é para mim me fazer notar como gay, tenho certeza que chorariam de tristeza de saber que têm um amigo que vive frustrado. Meus pensamentos são sempre os mesmos: O que será que os outros vão dizer? No meu trabalho não, no curso de jeito algum poderei ser notado.

(R.C.) – Rio de Janeiro.

ANEXO 11 – RECEITA DE AMOR

Aos editores do Lampião. Cordiais Saudações. É com imenso prazer que vejo circular este jornal, tratando com muita seriedade e muita dedicação os homossexuais, sua vida e sua luta contra os preconceitos e contra a discriminação social. Para mim é um alento ter o LAMPIÃO porque sinto-me em irmandade com milhares de outras pessoas e vejo muita sinceridade nos depoimentos, nos artigos, nas cartas que lhes são enviadas, enfim, o jornal transpira e transmite segurança e naturalidade, contribuindo para eliminar o tabu sou qual o assunto é geralmente abordado.

Essas qualidades me afetam muito, porque durante quase toda minha vida fui uma pessoa muito insegura, como se o fato de ser homossexual fosse a pior desgraça do mundo. Eu me dividia muito e vivia sempre muito angustiada, até que resolvi procurar uma psicoterapia que tem me ajudado muito. Após tantos anos de sofrimento, já consigo curtir mais a vida, já consegui fazer amigos homossexuais, já não sofro tanto e tenho uma imensa vontade de escrever e de criar coisas.

Tenho um amor há 16 anos com uma cabeça maravilhosa que sempre me amou e me aturou e agora estamos recomeçando nossa vida. Todo meu apoio a vocês que tocam o LAMPIÃO para frente, parabéns, vocês são corajosos e excepcionais. Envio-lhes um pequeno poema que fiz em homenagem ao meu amor e acredito que as lampiônicas irão gostar. Meu abraço afetuoso.

R. Andrade. – Rio.

ANEXO 12 – OS PASSIONÁRIOS

Somos dois amigos, há muitos anos (15). Nos entendemos bem e aceitamos a nossa homossexualidade. Nos amamos bastante. Nos conhecemos militando em uma organização de esquerda em 64 e com o conhecimento, o companheirismo, chegamos ao sexo e passamos a fazê-lo regularmente. Primeiro com traumas (beijos e masturbações mútuas, mesclados coma complexo de culpa), depois, mais abertos e hoje tranqüilos, apesar de não praticarmos a relação anal. Estamos na Universidade como professores (meu amigo é engenheiro e eu como economista), mas nem mesmo lá dentro definimos nossa posição com relação à sexualidade. Assumimos para nós (eliminamos os nossos problemas mais graves), mas, não ousamos assumir em relação ao mundo.

Discutimos os fatos intensivamente e identificamos: – A militância política é importante mas a organização (1ª surgida no Brasil) é muito conservadora – no momento em que fôssemos identificados como bichas seríamos marginalizados e poríamos abaixo um trabalho desenvolvido durante anos e bastante gratificante. – A conscientização de que o movimento Guei é ainda menos importante que a mudança do sistema (vivemos em país socialista e não fomos incomodados – tínhamos a impressão que não existiam homossexuais). – Evitar perguntas indiscretas dos nossos amigos, tais como: Quem é o macho? Quem faz café?, etc. – Acomodação. Às vezes temos necessidade de contatos para discussões (Partido Radical na Itália), mas, infelizmente, grande parcela dos Gueis que contactamos então preocupados com suas neuroses (pegações, badalações, etc.).

Na verdade, estamos isolados. Gostaríamos de sair da toca, não assumindo publicamente, mas, discutindo com outros homossexuais problemas sociais e políticos em geral com uma abordagem homossexual. Lemos as entrevistas do grupo SOMOS neste jornal e no “Versus” e algumas respostas concretas gostaríamos de ter: 1 - Qual a linha Política do grupo? 2 - O que eles exigem do visitante? 3 - A que grupo internacional eles estão vinculados ou com que grupo internacional se identificam? 4 - O que significa o “Arcadie” para eles? Ficariamos satisfeitos se neste jornal houvesse maior espaço com discussões desse estilo. Em tempo. Não costumamos escrever para jornais, e se estamos fazendo é porque não encontramos nenhuma publicação, nota, etc., que seja bastante esclarecedora. A reportagem do “Versurs” nos deixa com a impressão de que as pessoas estão ou inseguras ou o grupo não tem linha de atuação definida. Abraços.

(Sem assinatura) – São Paulo.